

MARIADITA
JAGUARIÚNA

REGULARIZAÇÃO DE IMÓVEIS
URBANOS E RURAIS

- HABITE-SE (19) 99215-4852
- INSTITUIÇÃO DE CONDOMÍNIO (19) 99184-6967
- CAR - CCIR - INCRA

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação.

E como sempre finalizo, tchaaau obrigado!!

ORDEM DE VOCAÇÃO HEREDITÁRIA. (HERANÇA. QUEM RECEBE PRIMEIRO)

A ordem de vocação hereditária é um dos pilares do Direito das Sucessões, estabelecendo quem são os herdeiros chamados a receber o patrimônio de uma pessoa após seu falecimento. Trata-se de um mecanismo legal que busca refletir, ao mesmo tempo, laços familiares, proteção social e previsibilidade jurídica.

No Brasil, essa ordem está disciplinada pelo Código Civil e segue uma lógica hierárquica clara. Em primeiro lugar, encontram-se os descendentes (filhos, netos, bisnetos), que concorrem com o cônjuge sobrevivente, dependendo do regime de bens do casamento. Em regra, os filhos têm prioridade absoluta, sendo considerados herdeiros necessários, ou seja, não podem ser excluídos da herança, salvo em hipóteses excepcionais previstas em lei.

O cônjuge sobrevivente, por sua vez, ocupa posição de destaque. Ele pode concorrer com os descendentes ou ascendentes, ou até mesmo herdar sozinho, a depender da situação concreta. Por exemplo, no regime de comunhão parcial de bens, o cônjuge só concorre com os filhos sobre os bens particulares do falecido. Já no regime de separação obrigatória, há controvérsias jurisprudenciais relevantes, exigindo análise técnica especializada.

Na ausência de descendentes, a herança será destinada aos ascendentes (pais, avós), que também concorrem com o cônjuge. Nesse cenário, a divisão respeita graus de proximidade: pais excluem avós, por exemplo. Persistindo o cônjuge, ele divide a herança com os ascendentes em proporções definidas pela lei. Não havendo descendentes nem ascendentes, o cônjuge sobrevivente herda a totalidade do patrimônio. Na falta deste, entram em cena os colaterais até o quarto grau, irmãos, sobrinhos,

tiros e primos. Aqui, a lógica é de proximidade: irmãos têm preferência sobre sobrinhos, e assim sucessivamente.

Na inexistência de quaisquer herdeiros, o patrimônio é destinado ao Estado, em um instituto conhecido como herança jacente e, posteriormente, vacante.

É fundamental destacar o papel dos chamados herdeiros necessários, descendentes, ascendentes e cônjuge, que têm direito à chamada "legítima", correspondente a 50% do patrimônio. A outra metade, denominada parte disponível, pode ser livremente destinada por testamento. Isso limita a autonomia do titular do patrimônio, reforçando a proteção familiar.

Nesse contexto, o planejamento sucessório, especialmente por meio de holdings familiares, tem se mostrado uma ferramenta sofisticada e eficaz. A constituição de uma holding permite organizar a sucessão ainda em vida, reduzir conflitos, otimizar a carga tributária e garantir maior controle na transmissão dos bens. Além disso, pode-se estabelecer regras de governança e proteção patrimonial que vão além das possibilidades do inventário tradicional.

Em síntese, a ordem de vocação hereditária não apenas define "quem recebe primeiro", mas também reflete uma estrutura jurídica voltada à proteção da família e à estabilidade das relações patrimoniais. Contudo, cada caso possui suas particularidades, e a atuação estratégica de um advogado especializado é indispensável para assegurar que a sucessão ocorra de forma eficiente, segura e alinhada aos interesses do titular do patrimônio e de seus herdeiros.

Dr. Caius Godoy, Advogado e Presidente da Comissão de Cultura, Mídia e Entendimento da OAB Jaguariúna, e-mail: caius.godoy@adv.oabsp.org.br

Planta medicinal melhora desempenho e saúde de tilápias em cultivo em tanques-rede

Estudo aponta que uso de Artemisia annua na alimentação dos peixes aumenta crescimento, fortalece a imunidade e pode impulsionar a sustentabilidade da aquicultura tropical

Suplementação aumenta ganho de peso e eficiência alimentar

Planta fortalece o sistema imunológico e reduz estresse em tilápias

Resultados foram obtidos em cultivo tropical em tanques-rede

Compostos bioativos atuam na microbiota intestinal e no metabolismo

Pesquisa abre caminho para uso de bioinsumos naturais na aquicultura

O uso de uma planta conhecida por suas propriedades medicinais pode representar um avanço importante para a aquicultura. Um estudo recente mostra que a suplementação alimentar com Artemisia annua melhora o crescimento, a saúde e a produtividade da tilápia-do-Nilo em sistemas de cultivo tropical em tanques-rede.

Os resultados indicam que a inclusão da planta na dieta dos peixes promove ganhos expressivos no desempenho produtivo, além de reforçar o sistema imunológico e reduzir o estresse — fatores decisivos para a sustentabilidade e a rentabilidade da piscicultura intensiva.

De acordo com a pesquisadora Michelly Soares, da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, os dados reforçam o potencial de soluções naturais na produção aquícola. "Observamos que a suplementação com Artemisia annua contribui para melhorar simultaneamente o crescimento, a eficiência alimentar e a saúde dos peixes, o que é fundamental em sistemas intensivos de produção", afirma.

Ganhos produtivos e eficiência alimentar

No experimento, as tilápias alimentadas com dietas suplementadas apresentaram maior ganho de peso e melhor conversão alimentar em comparação aos animais que não receberam o aditivo. Isso significa que os peixes cresceram mais consumindo menos ração — um dos principais indicadores de eficiência na produção.

Esse desempenho está relacionado à ação de compostos bioativos presentes na planta, que favorecem a digestão e o aproveitamento de nutrientes. Além disso, os resultados sugerem melhorias na fisiologia intestinal dos peixes, o que contribui diretamente para o crescimento.

Para a pesquisadora Sonia Queiroz, da Embrapa Meio Ambiente, o impacto desse tipo de estratégia é significativo para o setor. "A adoção de aditivos naturais com múltiplas funções pode reduzir custos, melhorar o desempenho produtivo e, ao mesmo tempo, tornar o sistema mais sustentável", destaca.

Mais saúde e resistência a doenças

Além do crescimento, o estudo aponta efeitos importantes na saúde dos peixes. A suplementação com Artemisia annua esteve associada à melhora de parâmetros imunológicos e à redução de indicadores de estresse fisiológico.

Em sistemas de cultivo em tanques-rede, onde os animais ficam mais expostos a variações ambien-

tais e à presença de patógenos, o fortalecimento do sistema imune é essencial para evitar perdas produtivas.

Segundo a pesquisadora da Embrapa Meio Ambiente Fernanda Sampaio, esse é um dos principais avanços trazidos pelo estudo. "A melhora da resposta imunológica e da condição fisiológica dos peixes contribui para aumentar a resistência a doenças e a estabilidade do sistema de produção", explica.

Os benefícios observados também estão ligados à modulação da microbiota intestinal. A Artemisia annua possui compostos com ação antimicrobiana seletiva, capazes de inibir microrganismos patogênicos e favorecer bactérias benéficas.

Esse equilíbrio da microbiota melhora a absorção de nutrientes e contribui para o metabolismo dos peixes, refletindo diretamente no desempenho produtivo.

Além disso, a planta apresenta propriedades antioxidantes e anti-inflamatórias, que ajudam a reduzir danos celulares e melhorar o estado geral dos animais.

Alternativa sustentável para a aquicultura

O estudo se destaca por ter sido realizado em condições de cultivo tropical em tanques-rede, sistema amplamente utilizado no Brasil. Nesse modelo, os desafios relacionados ao estresse ambiental e à sanidade dos peixes são maiores, o que aumenta a importância de estratégias nutricionais eficientes.

A utilização de plantas medicinais como aditivos naturais surge como alternativa ao uso de produtos sintéticos e antibióticos, alinhando a produção às demandas por sustentabilidade e segurança alimentar.

"Estamos avançando na construção de uma aquicultura mais sustentável, baseada em soluções naturais e no melhor entendimento dos processos biológicos", afirma Soares.

Apesar dos resultados promissores, os pesquisadores destacam a necessidade de ampliar os estudos para validar a tecnologia em diferentes condições de produção e em escala comercial.

"Ainda é importante aprofundar o conhecimento sobre os mecanismos de ação e ajustar as doses e formas de aplicação para diferentes sistemas produtivos", ressalta Queiroz.

Fernanda Sampaio acrescenta que o uso de bioinsumos na aquicultura deve crescer nos próximos anos. "Há uma tendência clara de substituição de insumos convencionais por alternativas mais sustentáveis e a Artemisia annua pode ter papel relevante nesse cenário", afirma.

Os resultados indicam que a integração de compostos naturais à nutrição de peixes pode representar um novo caminho para a piscicultura, combinando ganhos de produtividade com menor impacto ambiental.

O estudo completo de Michelly Soares, da UFSCar, Anieli Maraschi, UFSCar, Carolina de Angelis, UFSCar, Sonia Queiroz, Cláudio Jonsson, Embrapa meio Ambiente, Cristiane de Campos, Universidade estadual de Mato Grosso do Sul, Marisa Fernandes, UFSCar, Cléo Costa Leite UFSCar, Francisco Rantin, UFSCar e Fernanda Sampaio, Embrapa Meio Ambiente, está aqui

AgroNotícias

Mauricio Picazo Galhardo



ANO INTERNACIONAL DA MULHER AGRICULTORA

O Ano Internacional da Mulher Agricultora (2026), proclamado pelas Nações Unidas, centra-se no papel essencial, embora muitas vezes ignorado, que as mulheres desempenham nos sistemas agroalimentares, desde a produção até ao comércio. Na Sala de Imprensa da FAO, foi discutida por que as mulheres agricultoras são essenciais para a segurança alimentar global.

PLANO SAFRA 2026/2027

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) começou, a ouvir produtores rurais das cinco regiões do país para construir as propostas do setor para o Plano Agrícola e Pecuário do ciclo 2026/2027. Os encontros vão reunir entidades, representantes de sindicatos rurais, Federações estaduais de agricultura e pecuária, produtores e especialistas sob a coordenação da Comissão Nacional de Política Agrícola da CNA.

LEI DO TRABALHO RURAL

A Comissão de Agricultura e Reforma Agrária (CRA) do Senado aprovou, o relatório do senador Zequinha Marinho (Podemos-PA) ao Projeto de Lei 4.812/2025, de autoria da senadora Margareth Buzetti (PP-MT), que estabelece um novo marco legal para o trabalho rural no país. A proposta, entre outros pontos, revoga a legislação vigente desde 1973 e consolida, em um único texto, normas hoje dispersas sobre as relações de trabalho no campo. O projeto tem 221 artigos e trata de temas como contratos, jornada, saúde e segurança, negociação coletiva e fiscalização.

PLATAFORMA TRIGO NO BRASIL

A Embrapa lançou a plataforma digital Trigo no Brasil, que retrata a cadeia produtiva do cereal em dados e mapas. Suas informações abrangem desde a produção no campo e a importação até o processamento nas indústrias e a exportação. O site traz ainda uma estimativa inédita da proporção de sistemas de produção irrigados ou de sequeiro na triticultura do Brasil Central, região para onde o cultivo tem se expandido nos últimos anos.

FAESP/SENAR-SP E APEXBRASIL

O Sistema Faesp/Senar-SP deu mais um passo estratégico na ampliação de parcerias institucionais ao realizar

uma reunião com representantes da ApexBrasil. O encontro marcou o início de um diálogo voltado ao fortalecimento do relacionamento entre as duas entidades, com foco na geração de oportunidades para o agro paulista.

MERCADO DE FRUTAS

A atual conjuntura geopolítica global, além do início do acordo Mercosul-União Europeia agora em maio trazem novas oportunidades para as exportações brasileiras de frutas, disseram especialistas, entre os quais o presidente da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas), Guilherme Coelho; e o doutor em Economia e coordenador do Mestrado em Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Felipe Serigatti, durante a Fruit Attraction São Paulo 2026.

REFEIÇÕES DE PRIMAVERA

Nos Estados Unidos as festas de primavera reúnem famílias e amigos para o presunto da Páscoa, o peito bovino da Páscoa judaica e os pratos de brunch à base de ovos do Dia das Mães. A medida que os consumidores em toda a América preparam essas refeições tradicionais para grandes encontros, seguir práticas básicas de segurança alimentar pode ajudar a reduzir o risco de doenças transmitidas por alimentos.

CAFÉ/CEPEA

O atual conflito no Oriente Médio tem impactado diretamente os mercados interno e externo de derivados de petróleo, o que, segundo pesquisadores do Cepea, pode elevar os custos de produção da cafeicultura brasileira nos próximos meses. Embora os fertilizantes liderem os aumentos de custo nos tratamentos culturais, a maior preocupação do setor hoje é a valorização do diesel, sobretudo com a proximidade da colheita da safra 2026/27. De acordo com pesquisadores do Cepea, como atualmente tem aumentado o percentual de lavouras colhidas com máquinas no Brasil, e toda a operação envolve diversas atividades com tratores, a alta no combustível tende a ser sentida mais rapidamente no campo. (Com informações de assessorias) Mauricio Picazo Galhardo é jornalista

Bactérias beneficiam o cultivo de pimenta-do-reino e podem reduzir o uso de produtos químicos

Pesquisadores brasileiros identificaram duas bactérias endofíticas, presentes naturalmente no interior das plantas, com potencial para transformar o cultivo da pimenta-do-reino, especiaria de grande importância econômica e social no Brasil. O estudo mostrou que as linhagens *Priestia* sp. T2.2 e *Lysinibacillus* sp. C5.11 são capazes de estimular o crescimento da planta e o enraizamento de estacas utilizadas na propagação da pimenteira-do-reino.

A estaquia é uma técnica de reprodução a partir da retirada de pequenos galhos das plantas, chamados estacas. Uma vez enraizadas, as estacas se tornam novas mudas de pimenteira-do-reino. Um dos gargalos da agricultura familiar, de acordo com os especialistas, é o baixo índice de "pegamento" dessas raízes, ou seja, elas não crescem o suficiente para promover o desenvolvimento da planta.

Nos experimentos realizados entre 2023 e 2024 na Embrapa Amazônia Oriental, em Belém (PA), estacas da variedade Singapura de pimenteira-do-reino foram submetidas a soluções com as bactérias. A *Priestia* sp. T2.2 se destacou ao promover um aumento de até 75% na altura das plantas e de 136% em sua massa seca (parte aérea) em comparação às plantas de controle. Já a *Lysinibacillus* sp. C5.11 foi responsável por um salto ainda mais impressionante: 333% de crescimento da massa seca das raízes. Uma terceira linhagem avaliada, *Bacillus* sp. C1.4, também apresentou efeitos positivos na parte aérea, mas em menor escala.

Os efeitos positivos das bactérias nas estacas foram atribuídos à capacidade dos microrganismos de produzir ácido indolacético (AIA) — um hormônio natural da planta que regula processos de crescimento vegetal — e sideróforos, compostos que capturam ferro no ambiente e tomam o nutriente mais disponível para as plantas. Os testes foram realizados em laboratório e em casas de vegetação, que simulam o ambiente natural. O próximo passo é realizar os testes em áreas de produtores e com outras variedades clonais de pimenteira-do-reino.

"Um pimental produtivo se inicia com uma muda sadia. É uma das dificuldades dos produtores é ter estacas que tenham um enraizamento efetivo para a produção das mudas. Há ainda muitas perdas nesse processo. Então, essa descoberta revela o potencial de obtermos um bioinsumo que traga mais segurança aos pequenos produtores para a implantação ou ampliação de pimentais com mudas sadias e, consequentemente, plantas mais vigorosas e produtivas", afirma Alessandra Nakasone, pesquisadora da Embrapa Florestas.

A descoberta é estratégica para pequenos agricultores, principais responsáveis pela produção no País. Além disso, o uso de microrganismos benéficos pode reduzir a dependência de fertilizantes e defensivos químicos, aumentando a sustentabilidade da cadeia produtiva. "Isso ocorre porque as bactérias promovem a solubilização dos nutrientes que estão no solo, ou seja, tornam as substâncias mais disponíveis para a absorção pelas raízes", explica a pesquisadora.

Produção brasileira

O Brasil é o segundo maior produtor mundial de pimenta-do-reino, com uma produção de quase 125 mil toneladas em 2024, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nesse período, o valor da produção nacional saltou de R\$ 1,65 bilhão (2023) para mais de R\$ 3,67 bilhões (2024) — um aumento de aproximadamente 122% em apenas um ano, refletindo a forte valorização do produto no mercado.

A produção brasileira é caracterizada pela sustentabilidade e qualidade da pimenta-do-reino. Os estados do Espírito Santo e do Pará detêm, juntos, mais de 90% da safra nacional. Com produção anual de 41 mil toneladas em 2024, a produção paraense se destaca pela agricultura familiar e por processos sustentáveis de produção.

Microrganismos aliados da agricultura As bactérias endofíticas vivem nos tecidos internos das plantas sem causar doenças e podem ser benéficas ou neutras. As benéficas desempenham papéis fundamentais para a saúde vegetal, como a produção de fitormônios (hormônios vegetais), a fixação de nitrogênio, a solubilização de nutrientes e o aumento da resistência a estresses ambientais.

Esse tipo de interação já fora observado em outras culturas agrícolas, inclusive cítricas, milho e cana-de-açúcar. No caso da pimenta-do-reino, pesquisas anteriores com espécies dos gêneros *Bacillus* e *Pseudomonas* haviam demonstrado promoção do enraizamento e aumento da produtividade. O novo estudo, no entanto, detalhou os mecanismos fisiológicos de linhagens específicas e reforçou a importância de associar biotecnologia ao manejo sustentável.

A propagação da pimenta-do-reino pode ser feita por meio de sementes ou estacas enraizadas. O primeiro modo, como explica o pesquisador Oriel Lemos, da Embrapa Amazônia Oriental, exige mais tempo para o desenvolvimento da planta e não garante a manutenção dos atributos da planta-mãe, como, por exemplo, a alta produtividade. Já as estacas garantem a manutenção das características genéticas das matrizes e reduzem o tempo até a frutificação. Entretanto, a dificuldade de enraizamento compromete o pegamento e a qualidade das mudas e, por consequência, a produtividade das lavouras.

Nesse cenário, a inoculação de microrganismos benéficos surge como alternativa viável para garantir estacas mais vigorosas e uniformes, reduzindo custos de produção e aumentando o retorno financeiro aos agricultores.

"Esses resultados apontam para plantas com raízes mais vigorosas, ramificadas e pesadas. Isso é fundamental para a absorção de nutrientes do solo e consequentemente maior crescimento da planta, maior quantidade de galhos e folhas, mais fotossíntese, mais sanidade, maior longevidade dos pimentais e maior produtividade. E um ciclo benéfico de desenvolvimento", ressalta Lemos.

Regulamentação de bioinsumos abre caminho

Outro ponto relevante é que a recente Lei Federal nº 15.070/2024 trouxe mais segurança jurídica ao setor de bioinsumos no Brasil. Pela nova norma, produtos biológicos desenvolvidos a partir de microrganismos como as cepas de *Priestia* e *Lysinibacillus* não são classificados como pesticidas e estão liberados para uso agrícola, desde que comprovada a segurança.

Para Katia Nechet, pesquisadora da Embrapa Meio Ambiente, isso significa que as linhagens identificadas no estudo poderão futuramente se transformar em produtos viáveis e acessíveis para utilização no manejo da cultura. "A expectativa é que, além de melhorar o crescimento das mudas, esses bioinsumos possam atuar no controle de doenças comuns à pimenta-do-reino, como as causadas por *Fusarium*, e assim reduzir perdas e fortalecer a cadeia produtiva", acredita Nechet.

Caminhos futuros

Os pesquisadores ressaltam que ainda são necessários testes em campo para confirmar o desempenho das cepas em diferentes condições de cultivo e em maior escala. Outro passo será a avaliação desses microrganismos em diferentes variedades de pimenta-do-reino e sistemas de cultivo, como o plantio em tutor vivo de gliricídia, que substitui os postes estacas de madeira como suporte para o crescimento da planta.

O pesquisador Oriel Lemos reforça que a produção da pimenta-do-reino no Brasil é pautada pela sustentabilidade ambiental, econômica e social. Os resultados obtidos reforçam que a biotecnologia pode ser uma aliada poderosa na agricultura familiar e na sustentabilidade do agronegócio brasileiro.

AGRO CARTOON

PICAZO



FACEBOOK.COM/MAURICE.PICAZO